



Veredas atemática

Volume 21 nº 2 – 2017

"Você tem medo de ser uma garota fácil?": foricidade, dêixis e aforização no discurso de autoajuda para adolescentes.

Cláuberson Correa Carvalho (UNICEUMA)

José Ferreira Junior (UFMA)

Marize Barros Rocha Aranha (UFMA)

RESUMO: Análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Partimos de uma concepção de discurso fundamentada em Maingueneau (2008a, 2008b), que privilegia, entre outros aspectos, a análise do intradiscurso, de modo que as formas da língua projetam a imagem do enunciador, isto é, um *ethos* mobilizado pela exterioridade linguística a qual está constitutivamente na realidade intradiscursoiva, nos modos de dizer. Definimos como *corpus* edições publicadas pela revista Capricho, principal publicação brasileira com foco no universo jovem. Os resultados apontam que o discurso de autoajuda para adolescente encena efeitos de impessoalidade e autoridade.

Palavras-chave: discurso de autoajuda; adolescência; aforização; *ethos*.

Introdução

Neste texto, analisamos enunciados do discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística. Falamos em enunciado porque tratamos de estruturas que funcionam numa ordem comunicativa específica. Isto é, frases pensadas numa atividade de interação real: o discurso de autoajuda para adolescentes¹. Problematicamos

¹ Selecionamos a revista Capricho como material representativo do discurso de autoajuda para adolescentes. Publicação da Editora Abril voltada ao universo jovem, ela trata de temas como música, relacionamento, sexo, horóscopo, comportamento, moda, beleza; todos angulados sob o ponto de vista dos adolescentes. Os

enunciados que oferecem conselhos a interlocutores adolescentes, de modo a interpretar os efeitos de sentido que eles conferem à prática de comunicação estabelecida.

Situamos os mecanismos linguísticos na esfera discursiva de investigação da linguagem, refutando a ideia de que os modos de dizer são fruto do acaso, quando, na verdade, estão a serviço de uma orientação claramente discursiva. Pensamos em interlocutores que possuem o mínimo de conhecimento entre si e, em virtude disso, produzem enunciados com propriedades formais estratégicas.

Com efeito, o estudo de mostrativos em enunciados de autoajuda, por exemplo, nos permite entender em que medida a demarcação espacial e temporal compromete a rede de significação desse tipo de discurso. Em outras palavras, pretendemos responder às seguintes perguntas: por que o discurso de autoajuda para adolescentes produz enunciados aforizantes? Quais efeitos de sentido a enunciação aforizante encerra no discurso de autoajuda para adolescentes?

Dessa forma, fundamentamo-nos na Análise do Discurso de linha maingueneana para discutir enunciação aforizante. Articulamos esse conceito no sentido de examinar a natureza linguística do discurso de autoajuda para adolescentes. Focalizamos os modos de dizer, as formas de construção textual, pensando língua e discurso como binômio indissociável.

1. Discussão teórica

Nesta seção, apresentamos as bases teóricas sobre mostrativos, enunciação aforizante e *ethos* discursivo. Quando falamos em mostrativos, pensamos no uso de *este*, *aquele*, *esse*, *aqui*, *lá*, *ali* como dêiticos ou elementos de foricidade. Já por enunciação aforizante entendemos o comportamento de enunciados que foram pensados fora de uma lógica orgânica de texto, isto é, pensados para circular fora do texto de que fazem parte, muito em virtude da ausência de mostrativos em sua estrutura constituinte. Em consequência disso, há uma projeção da imagem do enunciador: o seu *ethos*.

1.1. Os mostrativos

Castilho (1993) propõe categorizar como *mostrativos* os pronomes pessoais *ele* e *o*, o artigo definido *o* e os pronomes demonstrativos *o*, *este*, *esse*, *aquele*, *isto*, *isso*, *aquilo*². Isso por conta das propriedades sintático-semânticas que eles compartilham: retomar conteúdos e indicar a posição espacial, temporal ou textual ocupada pelo referente.

Sobre a primeira propriedade sintático-semântica (a de retomar conteúdo), Castilho (1993, p. 122) fala em foricidade, no sentido de indicar “o processo de designação, no qual um significativo corresponde a um referente” e “os processos de

textos normalmente oferecem manuais ou guias práticos para enfrentamento ou solução de qualquer problema. Trata-se de uma espécie de receituário. Por isso consideramos a revista Capricho nos domínios do discurso de autoajuda (para adolescentes).

² Apesar de reconhecer três classes gramaticais sob o rótulo de mostrativos, Castilho (1993) investiga, com detalhes, as formas *este*, *esse*, *aquele*, *isto*, *isso*, *aquilo*.

retomada de conteúdos”. Sendo assim, a foricidade refere-se à articulação semântico-textual de retomada de conteúdos verbais já citados no texto ou na situação de fala, reativados, sempre que necessário, à lembrança dos interlocutores.

A foricidade está, portanto, relacionada aos mecanismos de coesão textual. Citando Halliday-Hasan (1976, p. 31-84 apud Castilho, 1993, p. 123) elenca três processos de referência: a) referência pessoal, que retoma o momento de fala pela categoria de pessoa (pronomes pessoais e possessivos); b) referência demonstrativa, que retoma objetos mencionados no texto, localizando-os no espaço e no tempo (artigos, demonstrativos e advérbios de lugar); e c) referência comparativa, que retoma objetos do discurso, comparando-os (uso de *assim*, *como*, *tal*). Em “Um homem entrou esbaforido pela sala. *O homem/ esse homem/ esse/ ele* parecia atarantado”, as classes grifadas (artigo e pronomes) são fóricas ou remissivas.

A foricidade, no entanto, envolve também “um processo de localização de entidades no eixo do espaço e do tempo que parece distinto da pura e simples retomada de conteúdos” (CASTILHO, 1993, p. 122). Trata-se da dêixis, processo de localização de enunciados nas coordenadas espaço-temporais. No enunciado “Este livro me pertence, mas aquele eu não sei de quem é”, os mostrativos *este* e *aquele* localizam o referente livro no espaço da enunciação: próximo e distante do enunciador, respectivamente.

Considerando o enunciado “O aluno disse que ele não gosta de aulas de português”, verificamos que o pronome *ele* pode tanto desempenhar relações fóricas quanto dêiticas. Se entendermos que *ele* retoma o referente *aluno*, falamos em interpretação fórica, mas, se o entendermos como outra pessoa da situação de fala, falamos em interpretação dêitica. Enquanto a foricidade retoma, a dêixis indicia. Por isso Castilho (1993) argumenta que há diferença entre retomar e indicar.

1.2. Enunciação aforizante

Identificamos no texto da revista Capricho enunciados com estruturas recorrentes. Trata-se de enunciados generalizantes, autônomos, que dispensam informações anteriores e posteriores como fator determinante para compreendê-los. É o caso dos três enunciados grifados abaixo. Eles encerram saberes generalizantes, funcionam como verdades, conferindo ao discurso de autoajuda um efeito de autoridade que lhe é inerente.

Pessoas sentem inveja. Ponto. É um sentimento básico e que até impulsiona para frente, muitas vezes! Perigo é quando essa emoção faz com que você queira prejudicar a amiga. Sentir vontade de se dar bem tão bem quanto ela é ok, mas achar que a linda é sempre melhor só vai fazê-la sentir pesada. *Por isso, tente ver as coisas de um outro jeito.* Além disso, se coloque no lugar dela e pense nos apertos pelos quais ela passa. *Vida perfeita não existe.* Todos temos o mesmo número de horas por dia que a Beyoncé. Aproveite as suas! (CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 84, grifos nossos).

Esses enunciados são mobilizados num estatuto pragmático especial: a enunciação aforizante, que é posta em relação à enunciação textualizante:

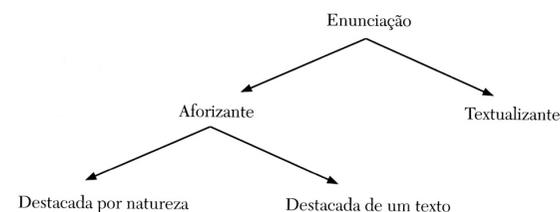


Figura 1 – Tipos de enunciação
Fonte: Maingueneau (2010, p. 13).

Como a Figura 1 sugere, a enunciação se estabelece sob o ponto de vista textualizante, de forma a integrar os componentes do texto em unidades sequenciais e lógicas (o texto, por consequência, é entendido como unidade orgânica), ou sob o ponto de vista aforizante, em que os componentes do texto podem dele sair: uma “destextualização” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11).

Sobre a destextualização de enunciados, Maingueneau (2014, p. 15) fala, mais precisamente, em *sobreesseveração*, que vai além do simples destaque gráfico; constitui uma “ênfatisação em relação ao entorno textual”. A sobreesseveração opera no destaque de enunciados que assumem função generalizante na sequência em que aparecem. Nesse aspecto, sobreesseverar é antecipar um destacamento, isto é, conferir a certo enunciado a possibilidade de ser destacado do texto do qual faz parte, para se integrar a outros textos ou preencher, no caso dos textos jornalísticos, funções de paratexto: título, subtítulo, intertítulo.

Reforçamos que a sobreesseveração, operando no eixo da enunciação aforizante, não se confunde com a citação. Na verdade, o primeiro processo antecede o último. Em outros termos, a possibilidade de determinado enunciado ser citado deriva do caráter destacado que ele possui. Por isso é que normalmente os enunciados destacados aparecem no início ou, sobretudo, no fim das unidades textuais. São posições estratégicas para promover o destacamento – ou a destextualização do enunciado.

1.3. O *ethos* discursivo

O conceito de *ethos*, embora pertencente à tradição retórica³, é concebido neste trabalho no bojo de relações da AD, retomando as orientações de Dominique Maingueneau (2008a, 2008b). Justificamos nosso recorte em virtude de tal autor situar seu conceito em um quadro de análise que privilegia gêneros discursivos “instituídos”, em oposição aos gêneros conversacionais. Interessam-lhe gêneros em que os sujeitos assumem papéis preestabelecidos, com certa estabilidade durante o evento comunicativo. Situação que compreende nosso objeto, a revista Capricho, na qual as posições de sujeito enunciatário e sujeito enunciatário não parecem variar durante as narrativas jornalísticas.

³Maingueneau (2008b) argumenta que o *ethos* no campo retórico se refere à imagem de boa impressão que o orador deseja projetar de si para convencer o auditório a que se dirige. Trata-se de um processo de convencimento.

Entendemos *ethos* numa perspectiva ampla, como elemento constitutivo dos discursos, no sentido de estreitar (ou não) a relação entre os sujeitos envolvidos no processo de enunciação. Estreitar a relação significa promover um efeito de empatia, de adesão do coenunciador⁴ à posição discursiva assumida pelo enunciador quando da produção de seu discurso. Isso fica mais evidente em gêneros argumentativos, quando a adesão do coenunciador torna-se crucial para o funcionamento do gênero. Em outros gêneros, no entanto, a intencionalidade talvez não seja a de convencer, mas reivindicar, demanda, de alguma forma, uma atitude do destinatário.

Para Maingueneau (2008a), *ethos* designa a projeção de imagem do enunciador em seu próprio enunciado, sem que, explicitamente, fale sobre si. Trata-se de um conjunto de sentidos que são atribuídos a um enunciador a partir de seu enunciado: “[...] dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no ‘dito’”. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70). Esse conceito desenvolve-se nas margens do dito, do “aparente” no enunciado.

Reforçamos que o *ethos discursivo* não se remete às características físicas ou comportamentais do enunciador (seus atributos “reais”), embora a elas esteja associado. Esse *ethos* mobiliza a exterioridade linguística a qual está constitutivamente na realidade intradiscursiva, nos *modos de dizer*. Maingueneau (2008b) chama atenção para o fato de que, além do intradiscurso, outros elementos não verbais também interferem na construção do *ethos*. Em um texto escrito, por exemplo, a construção do *ethos* perpassa as bases do linguístico, como a escolha das palavras, a força dos argumentos, a organização do texto. O *ethos* permanece no intradiscurso. Diferente de um texto oral, em que, além das bases linguísticas, elementos não verbais entram em cena, como mímica, tom de voz, vestimenta, postura, aparência do locutor.

Concebemos a incorporação do *ethos discursivo* numa instância maior que a realização do próprio enunciado: a cena de enunciação. Os enunciados derivam de lugares socialmente construídos, onde os sentidos circulam, ecoando certos posicionamentos acerca dos sujeitos que os assumem. Há um “mundo” associado ao interlocutor, o qual se “corporifica” a partir de cenas de enunciação. Maingueneau (2008b) propõe três cenas: a) cena englobante: refere-se, de imediato, ao efeito pragmático do texto: discurso literário, científico, jornalístico, religioso etc., caracterizados por haver motivações pragmáticas definidas; b) cena genérica: compreende um gênero ou subgênero do discurso, uma “instituição discursiva”, cujos limites já são conhecidos pelos enunciadores – sermão, ladainha, editorial, resenha crítica etc.; c) cenografia: representa a cena de fala que configura certo discurso; a cenografia é demandada pelo próprio texto. A cenografia de uma notícia pode ser cômica, dramática, interativa, didática. Cada gênero constrói cenografias distintas. Há certos gêneros, porém, que não possuem cenografias, já que dispõem de formas fixas de organização – portaria administrativa, bula, atestado de óbito.

Considerando a cena enunciativa da revista Capricho, percebemos que o discurso de autoajuda aparece como elemento da cenografia então proposta. Por se tratar de um produto midiático, a cena englobante é o discurso jornalístico por excelência, cuja cena genérica compreende gêneros também jornalísticos (carta ao leitor, notícia, reportagem, comentário). A cenografia dessa revista, o modo de organização da enunciação, configura-se na autoajuda, na condução de aconselhamentos. A enunciação toma o discurso de autoajuda como cenografia narrativa, como estratégia de construção textual,

⁴ Neste trabalho, os termos “enunciário”, “coenunciador”, “interlocutor”, “público” e “destinatário” são considerados sinônimos, assim como “enunciador” e “locutor”.

considerando, claro, a projeção de imagem – o *ethos* – que deseja incorporar em seu público:

A cenografia, com o *ethos* que dela participa, implica um processo de entrelaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala pressupõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que dele engendra; **ela legítima quem enuncia, quem enuncia, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém [...]** (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77, grifos nossos).

Essa “conveniência” do enunciado, causada pela escolha da cenografia mais “adequada”, decorre do *contrato* e das *estratégias* que pretende mobilizar para causar algum efeito em seu enunciatário.

2. Análise dos dados e discussão dos resultados

Nesta seção, procedemos à análise do *corpus*⁵, a fim de examinar linguisticamente enunciados do discurso de autoajuda para adolescentes: Verificamos, por exemplo, como a ausência de mostrativos nesses enunciados configura enlaces da enunciação aforizante, manobra linguística utilizada, estrategicamente, no discurso de autoajuda para adolescentes.

2.1. Foricidade e dêixis

Por trabalharmos como um *corpus* textual, as ocorrências de foricidade são bastante produtivas. Elas conferem sequência lógica, progressão e encadeamento à sequência da narrativa desenvolvida nas reportagens. Percebemos também elementos dêiticos na composição dos textos, muitas vezes com função extralinguística, considerando o contexto situacional e o público a que a revista se dirige. Consideremos o parágrafo a seguir:

Ela está lá quando você acorda e quando vai dormir. Além dos seus pais, uma irmã pode ser o relacionamento mais (in)tenso da sua vida. Um russo, o escritor Leon Tolstói, dizia que famílias felizes são sempre iguais, mas os fofinhos das outras despencam cada um de uma forma. (ok, estamos adaptando, já que um russo do século 19 não é tão de boa assim.) Mas é bem isso: ter uma irmã pode ser complexo, divertido e único. Até porque as famílias de hoje têm diversas caras e seu ninho pode ter um jeito só dele de ser feliz (CAPRICHOS, ed. 1207, p. 80, 2015).

O parágrafo de abertura da reportagem situa o tema de que irá tratar. Focalizando a sua natureza linguística e textual, observamos os seguintes elementos. Em “Ela está lá

⁵Selecionamos para análise apenas textos em que notamos claro tom de autoajuda, considerando as edições 1206, 1207 e 1208. Nesse sentido, as editoriais de moda, música e celebridade, por exemplo, não foram focadas, enquanto as de comportamento e sexo reclamaram nosso olhar – isso em virtude da delimitação aqui definida.

quando você acorda e quando vai dormir”, o pronome *ela* opera no eixo da remissão exofórica, isto é, remissão a conteúdos não verbalizados, mas presentes na situação discursiva. O contexto situacional e a temática da reportagem já colaboram para preencher semanticamente o pronome. O mesmo acontece com o mostrativo *lá*, que não se refere à distância entre os sujeitos quando do momento de enunciação (o eixo espacial), mas à situação discursiva, em termos de companhia, proximidade, participação. O *lá* dêitico indicia uma situação de afetividade entre os sujeitos, e não uma relação espacial, como tradicionalmente sua semântica é rotulada.

Em “Mas é bem isso: ter uma irmã pode ser complexo, divertido e único.”, o pronome *isso* realiza no eixo da textualidade, conferindo encadeamento ao enunciado que o segue. Nesse ponto, falamos em processo de foricidade endofórica, pois a remissão acontece no próprio texto, retomando conteúdos já citados ou que ainda serão. O mesmo ocorre com o pronome *outras* em “Um russo, o escritor Leon Tolstói, dizia que famílias felizes são sempre iguais, mas os fornicadores das outras despencam cada um de uma forma.”. Pela relação interna ao próprio enunciado, o *outras*, por tradição seguido de um nome (por ser indefinido), aparece sem referente próximo, que foi apagado em virtude da coesão textual – o contexto textual permite inferir que o sintagma completo seria “outras famílias”.

Essas mesmas relações acontecem nos enunciados da Figura 2:



Figura 2 – Texto da editoria *Sexo*
Fonte: Revista Capricho (ed. 1207, 2015, p. 84).

No enunciado “37% acham que, às vezes, demoram muito para chegar lá...”, o dêitico *lá* não indica noção espacial. Ele deve ser entendido como elemento fórico, cuja referência é exofórica. O contexto situacional e a editoria da revista (*sexo*) em que aparece permitem inferir que *lá* corresponde, na verdade, ao vocábulo *orgasmo*. A situação discursiva ressignifica o que seria um dêitico espacial em elemento fórico. Daí pensarmos que os mecanismos da língua produzem sentidos em enunciados reais, funcionando a serviço de uma discursividade. Poderíamos ainda problematizar a ocorrência de *lá* em substituição a *orgasmo*. Certamente o fato de a revista dirigir a adolescentes contribui para a seleção lexical empreendida. Todos os fatores extralinguísticos regulam a ordem da língua, de modo que a estrutura dos enunciados não é pensada como fruto do acaso, mas como operação estratégica, mobilizada num domínio específico.

2.2. Aforização e *ethos*

Quando pensamos em sobreasseveração interna ao próprio texto, observamos uma série de características de ordem sintática, semântica e textual que confere ao enunciado a condição de ser destacado. A lógica de constituição do texto favorece que alguns enunciados possam ocupar a posição de título ou intertítulo. Trata-se de uma aforização inserida, integrada no decorrer do encadeamento textual. Vejamos o parágrafo seguinte:

É preciso ser madura e ter coragem para assumir que outra pessoa é melhor do que você em alguns aspectos. Ainda mais na adolescência, quando tanta pressão faz o cabelo da garota ao lado parecer sempre mais brilhante que o seu. Para que você não vire uma amiga tóxica e tente diminuir os outros para se sentir melhor, tente se esquecer das qualidades da sua amiga. Enumere o que você tem de bom. Peça para algumas pessoas próximas te ajudarem caso não enxergue sozinha. E, por fim, assuma que nem todo mundo na vida vai gostar de você mesmo. As pessoas têm gostos diferentes e sempre vai ter quem te ache muito mais interessante. :) (CAPRICHÔ, ed. 1208, 2015, p. 84).

Nele, há alguns enunciados potencialmente sobreasseverados por conta da disposição sintático-semântica ou da “saliência textual”:

a) Por uma posição saliente: referimo-nos a enunciados que ocupam uma posição estratégica no texto, particularmente visível, sobretudo no início ou no fim, “posições que frequentemente indicam a condensação do sentido do conjunto em questão” (MAINGUENEAU, 2013, p. 227):

- (1) É preciso ser madura e ter coragem para assumir que outra pessoa é melhor do que você em alguns aspectos.
- (2) As pessoas têm gostos diferentes e sempre vai ter quem te ache muito mais interessante.

Em (1) e (2) há o que Maingueneau chama de “condensação do sentido”, isto é, enunciados resumitivos, que inauguram as relações de sentido da unidade em progressão e, em seguida, as encerram, como forma de estruturar a organização da argumentação construída – neste caso, o sujeito aconselhador argumenta sobre a autoestima.

b) Por sua organização interna: a estrutura do enunciado favorece a sua destacabilidade quando apresenta, por exemplo, “uma construção sintática simétrica, uma metáfora, um trocadilho, um paradoxo” (MAINGUENEAU, 2013, p. 227). Essas manobras linguísticas tornam o enunciado mais facilmente memorizável:

(3) Para que você não vire uma amiga tóxica e tente diminuir os outros para se sentir melhor, tente se esquecer das qualidades da sua amiga.

Em (3) o enunciador constrói um enunciado forte de maneira interessante. A estrutura sintática hipotática⁶ justifica a extensão do enunciado e ao mesmo tempo dificulta a sua destacabilidade (afinal, como já mencionamos, textos longos não são facilmente memorizáveis). Porém a precisão e a criatividade na escolha lexical favorecem o processo de destaque. Em *amiga tóxica* o enunciador combina elementos semanticamente opostos: *amiga* está no campo semântico do fazer bem, enquanto *tóxica*, do fazer mal. Daí o sintagma *amiga tóxica* produzir um efeito atraente – e cômico, quando pensado para enunciatários adolescentes. A destacabilidade de (3) seria mais efetiva num paratexto, num processo de externalização, como, de fato, aconteceu:

MINHA AMIZADE É TÓXICA
TODA AMIZADE PASSA POR ALGUNS MOMENTOS MAIS TENSOS. DESCUBRA O QUE ESTÁ ROLANDO ENTRE VOCÊS DUAS E SE AINDA VAI VALER A PENHA INVESTIR NESSA PARCERIA

Figura 3 – Paratexto da editoria *Comportamento*
Fonte: Revista Capricho (ed. 1208, 2015, p. 83).

c) Por seu valor generalizante: nesse caso, os enunciados destacados costumam encerrar saberes generalizantes sobre os temas de que tratam, condensam a posição defendida pelo enunciador. Todos os enunciados elencados nas alíneas anteriores apresentam essa condição:

(4) É preciso ser madura e ter coragem para assumir que outra pessoa é melhor do que você em alguns aspectos.

(5) As pessoas têm gostos diferentes e sempre vai ter quem te ache muito mais interessante.

(6) E, por fim, assumo que nem todo mundo na vida vai gostar de você mesmo.

(7) Para que você não vire uma amiga tóxica e tente diminuir os outros para se sentir melhor, tente se esquecer das qualidades da sua amiga.

Em (4), (5), (6) e (7) os enunciados encerram posicionamentos do sujeito enunciatador sobre o que diz. Concordando com Maingueneau (2014), percebemos que no nosso *corpus* a ocorrência produtiva de enunciados destacados promove a constituição do *ethos* do sujeito aforizador enquanto locutor que está no alto, que tem autoridade, autonomia para tecer conselhos. Trata-se do indivíduo autorizado, “que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma concepção vaga de existência” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). Sendo assim, o sujeito enunciatador do discurso de autoajuda reveste-se de uma autoridade que lhe permite aconselhar seus enunciatários mesmo com enunciados generalizantes.

Focalizando a constituição linguística desses enunciados, observamos que o valor generalizante também é tributário de expressões com tom universal (em (6), o registro de *todo mundo*) e da subversão da categoria de pessoa, que, segundo Fiorin (1996), consiste em pessoalizar enunciados impessoais, manobra realizada a partir do uso de *você* em (4), (6) e (7) com valor genérico, promovendo efeito de “instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Essa subversão implica considerar *você* não como sujeito empírico, aquele que lê, mas como todos os leitores em potencial da revista Capricho. Por conta disso, o pronome passa a ser referencialmente vazio.

Tratando mais especificamente do processo de referenciação nos enunciados destacados (4), (5), (6) e (7), observamos ausência de marcadores dêiticos nos eventos por eles expressos. O vazio na localização de entidades no eixo do espaço e do tempo opera também no estatuto da enunciação aforizante, cujos enunciados podem circular fora de seu texto-fonte em virtude de ausência de ancoragem dêitica. Nesse sentido, o enunciador traça conselhos que servem a qualquer situação, sem registro de aspecto situacional demarcado (na infância, quando se sentir sozinha ou quando estiver irritada, por exemplo), reforçando o efeito de impessoalidade encenado pelo discurso de autoajuda (para adolescentes).

Considerações finais

Neste texto, analisamos, por um viés linguístico, enunciados do discurso de autoajuda para adolescentes. Percebemos que os mostrativos funcionam em dois níveis: remissão, quando estão a serviço da textualidade e da situação comunicação; e indicição, quando localizam referentes no eixo espaço-tempo.

Examinamos também que a ausência de mostrativos em enunciados de autoajuda sinaliza a ordem desse próprio discurso, que constrói enunciados numa lógica de destextualização, isto é, projetar enunciados para circularem fora do texto em que foram enunciados – a enunciação aforizante. Em termos de efeito de sentido, esse recurso promove impessoalidade e autoridade, características tão caras ao *ethos* do discurso de autoajuda.

⁶Boer (2008:156) argumenta que a hipotaxe envolve estruturas cujos elementos são interligados com estatutos diferentes, “no sentido de que estabelece relação entre um elemento subordinante e outro subordinado. O primeiro com autonomia sintático-semântica e o segundo dependente do primeiro”. Essa relação de dependência, portanto, torna a destacabilidade menos produtiva – e realizável.

**"Are you afraid of being an easy girl?":
linguistic analysis of self-help discourse for teenagers**

ABSTRACT: Linguistic analysis of self-help discourse for teenagers from the perspective of Analysis of the French Discourse. Our conception of discourse is based on Maingueneau (2008a , 2008b), which focuses, among other things, the analysis of the intradiscourse, so that the language forms design the utterer's image, that is, an *ethos* mobilized by linguistic externality to which is constitutively in intradiscursive reality, in the ways of saying. We defined as *corpus* editions published by the magazine Capricho, main Brazilian publication focused on the young universe. The results show that the self-help discourse for teenagers stages effects of impersonality and authority.

Keywords: self-help discourse; adolescence; aphorization; ethos.

REFERÊNCIAS

BOER, Maria Angela de Sousa. A sintaxe funcional do sintagma nominal em textos de literatura oratória. In: ANTONIO, Juliano Desiderato (Org.). *Estudos descritivos do português: história, uso e variação*. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.

CASTILHO, Ataliba de. *Os mostrativos no português falado*. In: _____. (Org.). Gramática do português falado. Volume III: as abordagens. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Cenas da enunciação*. Parábola Editorial: São Paulo, 2008b.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1206, jan. 2015. 102p.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1207, fev. 2015. 98p.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1208, mar. 2015. 106p.

Data de envio: 07 de junho de 2016.

Data de aceite: 17 de novembro de 2017.